

VARIAÇÃO DO RÓTICO E ESTRUTURA PROSÓDICA

VARIATION OF RHOTIC AND ACCENTED STRUCTURE

Dinah Callou

Professor Emérito, Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

Carolina Serra

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

Este trabalho focaliza o apagamento variável do **R** em posição de coda final a partir de dados de um *corpus* de entrevistas informais com falantes cultos de dois centros urbanos do Brasil, Salvador e Rio de Janeiro, gravadas em dois períodos, na década de 1970 e na década de 1990, para um estudo em tempo real de curta duração (estudo de tendência). A análise foi realizada com o aparato metodológico da sociolinguística e da teoria da hierarquia prosódica. A hipótese é a de que, além de fatores linguísticos e sociais, a estrutura prosódica também desempenha um papel no processo, na medida em que o apagamento do **R** seria mais frequente em níveis mais baixos do que em níveis mais altos da hierarquia prosódica. É possível concluir que (i), em termos gerais, a fronteira de sintagma entonacional (IP) desfavorece a queda do segmento, (ii) há um processo gradual de apagamento e (iii) da década de 1970 para a de 1990 mesmo a fronteira de IP passa a não inibir o apagamento do segmento.

Palavras-chave: estrutura prosódica; rótico; variação.

ABSTRACT

This paper focuses on the variable deletion of **R** in final coda position using data from a *corpus* consisting of informal interviews with university graduates (standard dialect) from two urban centers of Brazil, Salvador and Rio de Janeiro, recorded in two different periods of time, the 1970's and the 1990's, for a short term real trend study. The analysis makes use of sociolinguistic methodology and the theory of prosodic hierarchy. The hypothesis is that, besides linguistic and social factors, the prosodic structure also plays a role in this process as far as **R**-deletion would be more frequent at lower levels rather than at higher levels. It is possible to conclude that (i) the phonological phrase boundary (IP) disfavors **R**-deletion, (ii) there is a gradual process of deletion and (iii) from the 1970's to the 1990's even the IP boundary no longer inhibits the deletion of the segment.

Keywords: prosodic structure; rhotics; variation.

UM BREVE RETROSPECTO

A variabilidade de realização da chamada vibrante múltipla, ou **R** forte, atestada em pesquisas já realizadas, no português brasileiro (Callou, 1987; Callou *et alii*, 1996; 2002, entre outras), é bastante saliente – seja em posição de ataque, seja em posição de coda – principalmente, ao confrontar falares de diferentes regiões.

As múltiplas realizações do **R** na posição específica de coda, medial ou final – *martelo/ lar/ viajar* – vão desde uma vibrante alveolar, uma fricativa velar, uma fricativa laríngea surda (aspiração) até [Ø]. Este contínuo tem sido explicado antes pelo enfraquecimento da articulação que pela interferência de fatores externos. Determinado regionalmente, o fenômeno é visto como uma tendência à articulação posteriorizada, tendência universal, ao que parece, e como uma etapa necessária à perda desse segmento fônico, em posição final de palavra (*fechar*, por exemplo), produzindo o padrão silábico básico CV: **R** à **x** à **h** à Ø. Quando o vocábulo subsequente começa por vogal, pode ocorrer uma ressilabificação e a consoante realizar-se como um tepe entre vogais: *fecha**R** a porta* à *fe-cha-ra-por-ta*.

No início do processo, o apagamento do **R** era considerado um marcador social e, nas peças de Gil Vicente, no século XVI, era usado para caracterizar a fala de escravos. Essa estratificação fez surgir a hipótese de se tratar de uma mudança de baixo para cima, em termos labovianos (Labov, 1994). Pelos séculos seguintes, no entanto, o fenômeno se espalhou progressivamente por todas as classes sociais e por todos os níveis educacionais, não sendo mais estigmatizado, a não ser, talvez, na fala culta, em *não-verbos* monossilábicos, como *bar* e *mar*, principalmente, ao que parece, em final de enunciado, ou seja, em fronteira de sintagma entonacional (IP).

1. Revisitando os róticos

Em trabalhos já realizados sobre o **R**, em várias perspectivas (Mateus, 1975; Hammarström, 1953; Abaurre & Sândalo, 2003; Monaretto, 2010), costuma-se afirmar que o domínio estrito do apagamento é a sílaba (Callou *et alii*, 1998) ou nem se entra na discussão sobre o tema. Até onde vai o nosso conhecimento, postula-se, pela primeira vez, que o domínio do

cancelamento vai além da sílaba e que seu *locus* tem relação, na verdade, com o tipo de fronteira prosódica, analogamente ao que já foi observado para outros processos de sândi.

A possível relação entre o apagamento do **R** e o tipo de fronteira prosódica em que este segmento se encontra auxiliaria no entendimento dos altos índices de apagamento em final de vocábulo, em contraste com os baixos valores de apagamento no interior de vocábulo.

Resumindo, a hipótese é a de que este fenômeno apresente também uma motivação de natureza prosódica.

Admita-se, assim, que, além de fatores linguísticos e sociais, tais como:

- classe morfológica – *verbos* (*cantar*), em oposição a *não-verbos*, fator que engloba todas as outras classes (por exemplo, substantivo, adjetivo, preposição, advérbio, etc.: *mar*, *melhor*, *por*, *devagar*);
- faixa etária (adultos acima de 36 anos e idosos retêm mais o segmento, ao contrário dos jovens de 25 a 35 anos); e
- região (no Norte e Nordeste; o apagamento é mais frequente, no Sudeste e no Sul, em que há por vezes a manutenção da articulação anterior da vibrante, menos frequente).

A estrutura prosódica também desempenha um papel relevante na atuação do processo.

Para este artigo, contamos com três conjuntos de dados de fala culta do português do Brasil: dois gravados no Rio de Janeiro (RJ), em dois períodos discretos de tempo: o primeiro na década de 70, o segundo, na década de 90, além de um terceiro, em Salvador (SSA), relativo apenas à década de 70. A amostra foi extraída de um *corpus* mais amplo de falantes cultos (Projeto NURC), estratificados por faixa etária, gênero e região geográfica.

Quatro aspectos são levados em consideração: (i) o apagamento do **R** é quase categórico em falantes jovens; (ii) no que se refere à área geográfica de origem do falante, o fenômeno seria mais frequente em Salvador (região Nordeste) que no Rio de Janeiro (região Sudeste); (iii) fronteiras de constituintes prosódicos maiores inibiriam o processo; (iv) da década de 70 para a de 90, o índice de apagamento seria mais elevado, na cidade do Rio de Janeiro.

Os objetivos são, pois, retomar, em linhas gerais, uma análise em tempo real de curta duração, um estudo de tendência (Labov 1994),

restrito ao Rio de Janeiro e fazer uma comparação, no mesmo período de tempo, entre o comportamento linguístico de falantes oriundos de duas áreas distintas, áreas essas que apresentam características sócio-históricas também distintas. Essa opção justifica-se pelo fato de processos variáveis analisados anteriormente, nesses mesmos centros urbanos, apresentarem comportamentos diferenciados em relação à direção da mudança, não só no que se refere a fenômenos do nível fonético-fonológico, mas também a do nível morfossintático (Leite & Callou, 2002).

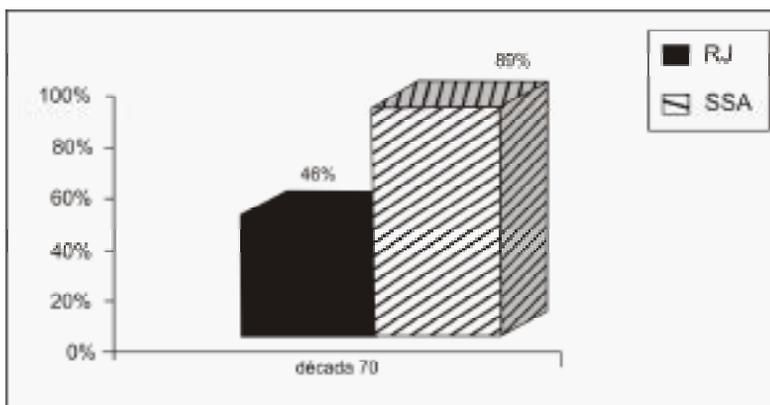
A análise foi feita em duas etapas; a primeira, com base na metodologia da sociolinguística quantitativa laboviana (Labov, 1994) e, a segunda, na teoria da hierarquia prosódica (Selkirk, 1984; Nespor & Vogel, 1986).

Observa-se, no momento, apenas o comportamento de adultos jovens, de 25 a 35 anos, homens e mulheres, a fim de tentar explicar a trajetória do processo, do início à completude, já que está fortemente concentrado em falantes dessa faixa etária (72% de apagamento), pelo menos, no período enfocado.

1.1 Análise variacionista

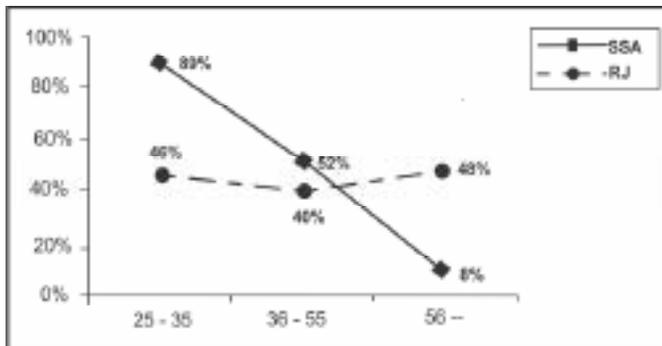
De início, é possível observar que o processo de apagamento do **R**, já na década de 70, não atua da mesma forma nos jovens das duas cidades, sendo o índice de frequência em Salvador quase o dobro do da cidade do Rio de Janeiro (Figura 1).

FIGURA 1: apagamento do R em posição de coda final, na fala culta do Rio de Janeiro e de Salvador, na década de 70, em falantes de 25 a 35 anos.



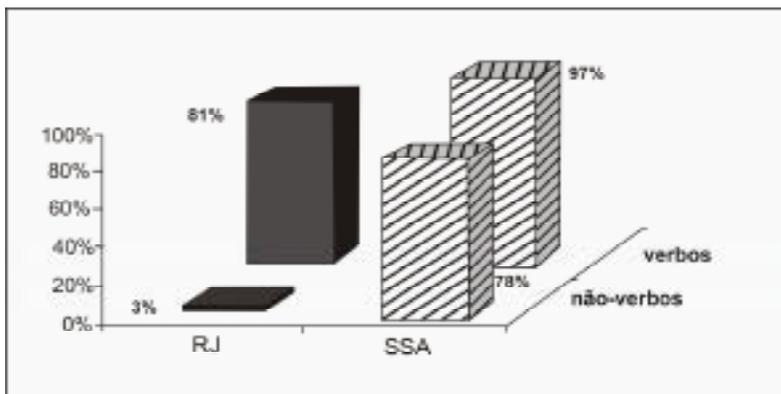
Se considerarmos um número maior de falantes – não só os jovens – distribuídos por três faixas etárias (Callou *et alii*, 1996), é possível verificar que, em Salvador, há uma nítida curva de mudança em curso e, no Rio de Janeiro, de estabilidade (Figura 2).

FIGURA 2: apagamento do R em posição de coda final, na fala culta do Rio de Janeiro e de Salvador, na década de 70, por faixa etária.



A julgar por esses falantes, pode-se dizer que, no Rio de Janeiro, o processo se encontra a meio termo e, em Salvador, quase completo, afetando quase todos os vocábulos em que o segmento está inserido, não importa se *verbo* ou *não-verbo*, sempre acima de 70%. No Rio de Janeiro, por outro lado, a oposição entre verbos e não-verbos ainda é flagrante (Figura 3).

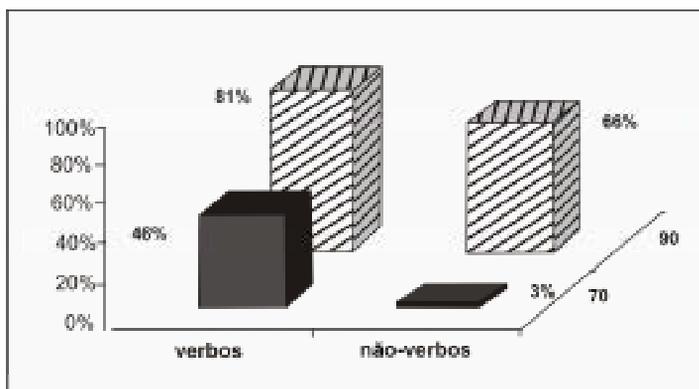
FIGURA 3: apagamento do R em posição de coda final, na fala culta do Rio de Janeiro e de Salvador, na década de 70, de acordo com a classe morfológica.



Esta análise confirma análises anteriores com diferentes amostras, inclusive, de fala não padrão (www.letras.ufrj.br/peul), que apontaram sempre a classe morfológica como a variável mais significativa. Esse comportamento vai de encontro a afirmações correntes na literatura de que material fonológico que carree informação morfológica tende, nos processos de mudança, a ser preservado. Callou (1987) discute a questão de o apagamento ser mais frequente em verbos, não obstante transmitir informação semântica relevante, por ser marca de infinitivo ou de futuro do subjuntivo (*quereR*; *se eu quiseR*). Já se comprovou que a característica morfofonêmica do segmento afeta a distribuição das variantes, sendo a taxa de [Ø] mais alta quando representa a marca de infinitivo. Se, por um lado, isso contraria o que afirma Labov (1972), ao assinalar, a propósito de simplificação de grupos consonânticos, que fatores gramaticais tendem a reduzir a aplicação de regras variáveis, por outro, confirma os resultados de Cedergren, para o espanhol do Panamá (1972), e de Votre (1978) para a fala não-culta do Rio de Janeiro, ao tratarem do cancelamento do **R** em posição final de vocábulo.

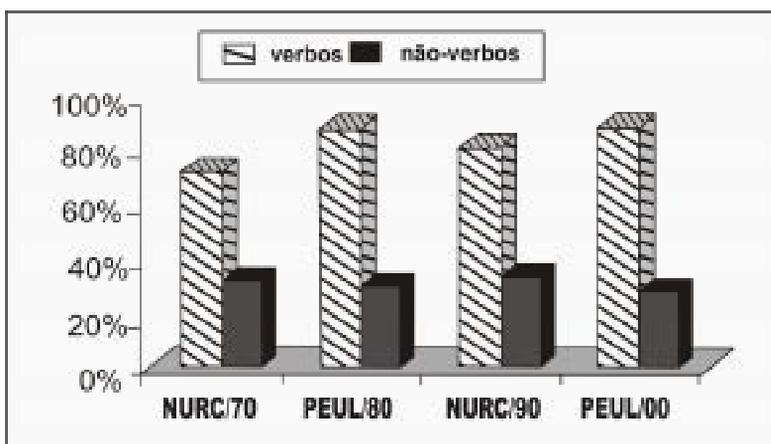
A tabulação cruzada de classe morfológica e década mostra que a variável condicionadora classe gramatical vem perdendo força de uma década para a outra (Figura 3), não mais retendo tão frequentemente o segmento (Figura 4).

FIGURA 4: apagamento do R em posição de coda final, na fala padrão do Rio de Janeiro, (25-35), nas duas décadas, levando em conta classe morfológica.



Não há dúvida de que a grande oposição reside na classe morfológica: nos verbos, o percentual de cancelamento está sempre acima de 60%, os valores mais altos em falantes de menor escolarização (Callou, 2008). Observe-se (Figura 5) que somente nos falantes com grau universitário há um aumento da frequência de apagamento, da década de 70 para 90, o que é mais um forte indicativo de se tratar de uma mudança “de baixo para cima”.

FIGURA 5: apagamento do R em verbos e não-verbos no NURC (fala padrão) e no PEUL (fala não-padrão), sem levar em conta faixa etária.



1.2 Análise prosódica

Da mesma forma que em relação a outros fenômenos, sândi externo, por exemplo, que leva em conta fronteiras de constituintes prosódicos (Bisol, 1996; 2002; Tenani, 2002), a hipótese é a de que, como se disse, o cancelamento do **R** seja também sensível à posição da sílaba relativamente ao domínio prosódico.

Dentro do quadro da teoria Autossegmental e Métrica – Teoria AM (Beckman & Pierrehumbert, 1986; Ladd, 1996), a prosódia de um enunciado é tratada como estrutura hierárquica, organizada fonologicamente em determinados constituintes e cabeças. A teoria da hierarquia prosódica (Nespor & Vogel, 1986) fornece essa organização hierárquica dos segmentos de fala em constituintes. Tal organização é determinada por relações de proeminência relativa em cada nível da estrutura, como se pode vislumbrar

na Figura (6), abaixo, na constituição do enunciado “*A exposição, segundo dizem, apresenta a pintura dos impressionistas*”.

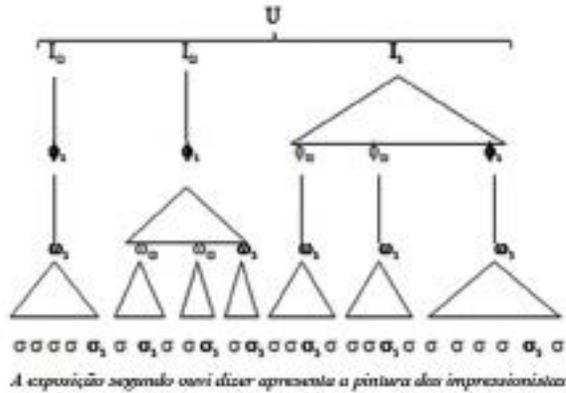
FIGURA 6: Estrutura Prosódica e relação de proeminência relativa nos domínios prosódicos.

Enunciado fonológico
 Sintagma entonacional

Sintagma fonológico

Palavra prosódica

Sílaba



Em um contínuo de fala, composto de mais do que uma palavra lexical, verifica-se a distribuição hierárquica de proeminências acentuais, na qual cada nível de proeminência corresponde a um *constituente prosódico*. A relação de proeminência relativa dentro de cada constituinte se caracteriza pela marcação de um elemento como sendo o forte (*s – strong*) e de todos os demais, na projeção máxima de cada domínio, como fracos (*w – weak*). Em línguas como o português, de recursividade à direita, ou seja, cujas árvores sintáticas se ramificam à direita, a cabeça mais à direita é rotulada como **s** e todos os demais elementos dentro da projeção máxima do constituinte **são rotulados como w**.

Cada constituinte prosódico atua como âmbito de processos fonológicos específicos, que podem ser aplicados ou bloqueados de acordo com os limites desses domínios (Nespor & Vogel, 1986). Além disso, mais recentemente, a *entoação* também tem sido considerada importante para a determinação de domínios prosódicos (Hayes & Lahiri, 1991; Truckenbrodt, 1995; Frota, 2000; Frota & Vigário, 2000; Tenani, 2002; Serra, 2009).

Os algoritmos de formação dos constituintes prosódicos adotados aqui são os seguintes¹:

- **Palavra prosódica (P ω)** – uma palavra prosódica tem um único acento primário e uma palavra prosódica máxima (P ω^{\max}) tem um único elemento proeminente. Todo elemento com acento de palavra tem de estar incluído numa palavra prosódica (Vigário, 2003).
- **Sintagma fonológico (PhP/f)** – um sintagma fonológico deve ser formado por uma cabeça lexical (núcleos de sintagmas sintáticos cuja natureza é lexical e não funcional) + todos os elementos do lado esquerdo dentro da projeção máxima de Lex + XP *complemento* do seu lado direito, que contenha apenas uma P ω (Frota 2000, Tenani 2002). Dessa forma, atendendo às condições necessárias, um f deve ser constituído por mais do que uma palavra prosódica, formando um único f com um complemento não ramificado.
- **Sintagma entonacional (IP)** – um sintagma entonacional deve conter toda sequência não estruturalmente anexada à oração raiz ou todas as sequências de fs em uma oração raiz (Nespor & Vogel, 1986). A formação de IP está sujeita a condições de tamanho prosódico: sintagmas longos (em número de sílabas e de palavras prosódicas) tendem a ser divididos, da mesma forma que sintagmas pequenos tendem a formar um único I com um I adjacente, o que leva à formação de sintagmas com tamanhos equilibrados (Frota, 2000; Serra, 2009).

Para o mapeamento dos constituintes acima de P ω , inclusive, faz-se uso substancial de noções morfossintáticas, ou seja, de informações não fonológicas. Para a constituição da palavra prosódica interagem informações do componente fonológico e do componente morfológico da gramática. Noções como a de projeção máxima de sintagmas sintáticos e as de sentença-raiz, parentética, vocativo são fundamentais para a constituição dos domínios sintagma fonológico e sintagma entonacional, respectivamente.

¹ P ω faz referência ao nome do constituinte em inglês – *prosodic word*, bem como PhP e IP, respectivamente, a *phonological phrase* e a *intonational phrase*.

Serão levadas em conta, portanto, na observação do comportamento do **R** em coda final, as fronteiras desses três domínios prosódicos em função de mapearem informação morfossintática em constituintes fonológicos, o que não acontece em constituintes mais baixos da hierarquia prosódica, que fazem uso de informação estrita do componente fonológico – a sílaba e o pé métrico –, nem no componente mais alto, o enunciado fonológico, constituinte para a formação do qual devem ser levados em conta conteúdos semânticos e condições pragmáticas (Nespor & Vogel, 1986).

Vejam os trechos de fala espontânea em constituintes prosódicos, a título de exemplificação, constantes da tese de Serra (2009).

- (1) (([mas também)ω tive)ω cursos)ω]f [muito)ω fracos)ω]f)I ([né
ω] f)I) I^{max}
- (2) ([agora)ω eu)ω]f [vou)ω estudar)ω]f [pra valer)ω]f)I
- (3) ([que foi)ω um curso)ω]f [que eu)ω]f [não)ω vou)ω esquecer)ω
f)I

A palavra prosódica é, por exemplo, o domínio do abaixamento datílico e de neutralizações em favor da vogal alta, em PB (Battisti & Vieira, 1996). Em termos estritamente entonacionais, os domínios imediatamente acima da palavra, f e I, são importantes para a organização melódica dos enunciados da língua. Diferentemente de em PE, o f é caracterizado em PB pela ocorrência regular de um acento tonal no seu elemento mais proeminente (Frota & Vigário, 2000; Tenani, 2002; Fernandes, 2007). O domínio de I, em PB, é marcado por um contorno nuclear (acento tonal + tom de fronteira) e uma potencial pausa em sua fronteira direita. Há ainda a ocorrência preferencial de um tom L+H* associado à primeira sílaba acentuada de I, independentemente de esta sílaba ser ou não a mais proeminente de f (Tenani, 2002; Moraes, 2007; Silva, 2011).

O domínio de I – em muitas línguas – é (i) o *locus* de *alongamentos pré-fronteira*, (ii) de inserção de *pausas*, e (iii) altamente relevante para a *entoação*, ou seja, é o constituinte, por excelência, ao qual se agregam os contornos entonacionais através da *distribuição de eventos tonais*: acentos tonais associam-

se à cabeça desse constituinte prosódico e/ou à sua fronteira². Em razão disso, parte-se da hipótese de que o apagamento do **R** seria mais frequente nos níveis mais baixos que nesse nível mais alto da hierarquia, como se pode verificar no exemplo (4):

$$(4) \quad [(\dots\acute{e})_{P\omega} \text{ (possível)}_{P\omega}]_{PhP}]IP [(con\textit{vive}\emptyset\dots)_{P\omega}]_{PhP}]IP [(e\dots vamos)_{P\omega} \text{ (dize}\emptyset\dots)_{P\omega}]_{PhP}]IP [((con\textit{duzir})_{P\omega}]_{PhP} [(essas populações)_{P\omega} \text{ (pobres)}_{P\omega}]_{PhP}]IP [\dots]$$

Embora não tenha sido ainda testada a relevância das fronteiras de $P\omega$, PhP e IP – e contrariando a hipótese de ser a sílaba o domínio do apagamento – essa interpretação poderia servir para explicar a maior frequência de apagamento na posição de coda final (46%, no geral) e a baixa frequência na posição de coda interna (3%, na década de 70), segundo Callou *et alii* (1998).

2. Conclusões parciais

Após a análise prosódica, procedeu-se a uma análise multivariada de 232 ocorrências, que revelou que as fronteiras de sintagma fonológico e de sintagma entonacional favorecem a preservação do segmento enquanto a fronteira de palavra favorece o apagamento do **R**.

Deve-se lembrar que para esta análise não foram consideradas as ocorrências em que o **R** se encontra seguido de vogal ou tenha sido registrado na preposição *por*, como nos exemplos (2), (3) e (4).

- (5) em menor *escala* [me-no-**ris**-ca-la]
- (6) *por* enquanto [po-**rin**-quanto]
- (7) *por* falta de [**por-fal**-ta-de]

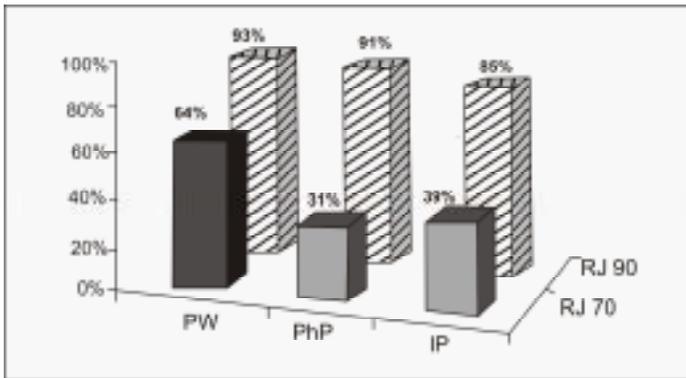
No primeiro caso, há usualmente uma ressilabificação; no segundo, o segmento é interpretado como em de posição de coda interna – e não externa – na medida em que a preposição não recebe basicamente acento e se junta ao vocábulo subsequente, quer seja seguido de vogal (exemplo 3),

2 Cf. os princípios gerais da teoria AM em Ladd, 1996, entre outros.

com ressilabificação, como no exemplo (2), quer seja seguido de consoante (exemplo 4), passando a constituir uma Pw^{max} com o vocábulo subsequente.

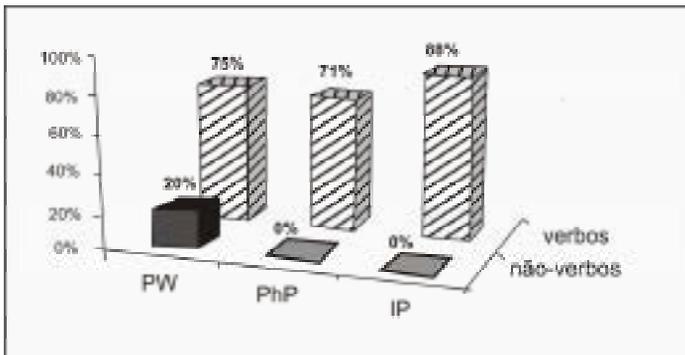
Foi possível chegar à conclusão de que há um processo gradual de mudança e que da década de 70 para a de 90 mesmo as fronteiras de IP e PhP não mais inibem o apagamento do segmento (Figura 7).

FIGURA 7: apagamento do *R* em posição de coda final, na fala culta do Rio de Janeiro, em falantes de 25 a 35 anos, das duas décadas, de acordo com a fronteira prosódica.



Mais uma vez, não pode ser descartada a oposição entre *verbos* e *não-verbos*, que se mantém significativa, pois apenas se for analisada cada fronteira separadamente será possível obter uma visão geral do processo (Figura 8).

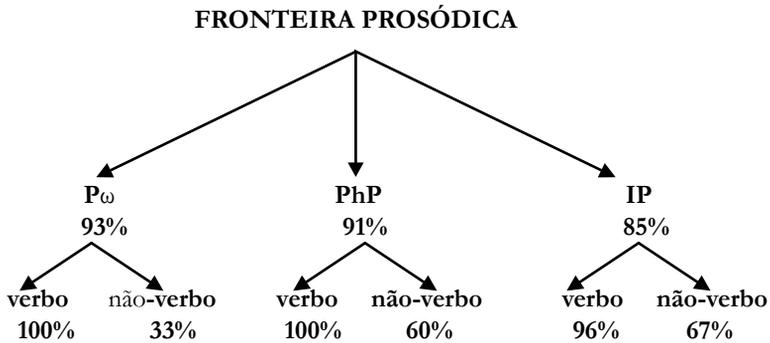
FIGURA 8 - apagamento do *R* em posição de coda final, na fala culta (Rio de Janeiro, falantes de 25 a 35 anos), na década de 70, de acordo com a fronteira prosódica.



Na década de 1970, no dialeto do Rio de Janeiro, o apagamento do **R** em não-verbos se restringe à fronteira de palavra prosódica ($P\omega$). Em Salvador, a frequência de apagamento em não-verbos atinge 44% em fronteira de palavra. Em verbos, o processo está praticamente completo e nenhuma fronteira prosódica inibe o apagamento.

Na década de 1990, no Rio de Janeiro, a regra avançou em *verbos* e, em *não-verbos*, o quadro não é tão consistente, talvez pela distribuição irregular e o número baixo de ocorrências. Não obstante, tanto as variáveis gramaticais quanto as prosódicas são menos relevantes (Figura 9).

FIGURA 9: apagamento do *R* em posição de coda final, na fala culta do Rio de Janeiro, na década de 90, de acordo com cada fronteira prosódica.



Como se pode verificar, até o final da década de 70, na fala culta do Rio de Janeiro, o apagamento em *não-verbos* estava restrito à fronteira de palavra ($P\omega$), enquanto em Salvador a frequência de apagamento, em *não-verbos*, já atinge 44%, nessa mesma fronteira e, em *verbos*, o processo estava quase completo, nenhuma fronteira inibindo o apagamento.

Estes resultados são semelhantes aos que chegaram Bisol (1996) e Tenani (2002), no que se refere à degeminação silábica, como no exemplo (8). Nenhuma fronteira bloqueia o processo; porém, quanto maior a fronteira silábica, menor a frequência de aplicação da regra.

- (8) [A laranja] Ø [alcanÇOU] bom preço

Resumindo, estamos ainda tentando entender a interrelação de restrições gramaticais, sociais e prosódicas que regem o apagamento do **R** no português brasileiro.

Com base em estudos realizados nessa linha, resultou um conhecimento mais preciso de certas características e tendências do português brasileiro, na área da fonologia, entre as quais as seguintes: vocalização da lateral em posição pós-vocálica como em *pape[l]* > *pape[u]*, *sa[l]to* > *sa[u]to* – que se vem generalizando no sul do país (Tasca, 1999; Collischonn e Quednau, 2010); a posteriorização e a fricativização da vibrante – que se vem tornando fricativa, como em *ca[rr]o* > *ca[x]o* (Monaretto, 1997); o ditongo que se perde como em *ouro* > *oro*, *coro* > *coro* (Cabreira, entre outras). A monotongação é uma realidade também no português europeu, mas os dois primeiros fenômenos singularizam o português brasileiro, independentemente de poderem estar presentes em outros dialetos como o português africano ou asiático, ou mesmo o europeu.

No que tange à região geográfica de origem do falante, é necessário lembrar que nas regiões Norte e Nordeste, o apagamento é mais frequente, enquanto no Sudeste e Sul, em que há por vezes a manutenção da articulação anterior da vibrante, a tendência é preservar o segmento (Leite, 2011). Será interessante observar, nas localidades em que ainda há a manutenção do segmento, quais são os contextos prosódicos mais favorecedores do apagamento/preservação do **R**, capturando, assim, as etapas do processo. Serão analisadas futuramente as capitais de São Paulo e Porto Alegre, nas décadas de 1970 e de 1990 (Projeto NURC), e serão agregados novos dados do Rio de Janeiro, já do século XXI (Serra, 2009).

Outros estudos virão... Só com a ampliação da amostra e a extensão da análise a outras faixas etárias e regiões do país se poderá chegar a traçar um quadro geral da fala culta brasileira, em tempo real de curta duração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. & SANDALO, M. F. Os róticos revisitados. In: HORA, D. & G. COLLISCHONN. (orgs.) *Teoria Linguística: Fonologia e outros temas*. João Pessoa, Editora Universitária: 2003. p. 144-180.

BATTISTI, E. & VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. L. Bisol (org). Porto Alegre: EDIPUCRS. 1996. p. 159-194.

BECKMAN, M. E. & PIERREHUMBERT, J. B. Intonational Structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*, 1986. 3:255–309.

BISOL, L. “O sândi e a ressilabação”. *Letras de Hoje*, v. 31, n. 2, p. 159-168. 1996.

_____. “A degeminação e a elisão no VARSUL”. In: Bisol, L. & Brescancini, C. (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.231-250.

CALLOU, D. *Variação e distribuição da vibrante na fala culta carioca*. Rio de Janeiro, UFRJ/PROED. 1987.

CALLOU, D.; LEITE, Y. & MORAES, J. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In *Gramática do Português Falado* vol. VI, I. Koch, (ed.). Campinas: UNICAMP. 1996. p. 465-493.

_____. Consonantal weakening Process(es) in Brazilian Portuguese. In: PARADIS, C.; VINCENT, D.; DESHAIES, D.; LAFOREST, M. (ed.). *Papers in Sociolinguistics. NWA/E-26 à l'Université Laval*. Québec/Canadá, Nota Bene: 1998. p. 53-62.

_____. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B & RODRIGUES, A. (orgs.) *Gramática do português falado VIII: novos estudos descritivos*. Campinas, UNICAMP/FAPESP: 2002. p. 537-555.

CALLOU, D. Revisitando o **R**. Em: VOTRE, S. & RONCARATI, C.(orgs.) *Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil*. Uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro/FAPERJ, 7 Letras: 2008. 401-411.

CEDERGREN, H. *Interplay of social and linguistic factors in Panamá*. Ph.D. Dissertation. Cornell University. 1972.

COLLISCHONN, G. & QUEDNAU, L. As laterais variáveis da Região Sul. In: Bisol, L. & Collischonn, G. (Org.). *Português do Sul do Brasil - variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 128-146.

FERNANDES, F. R. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: LEL/UNICAMP. 2007.

FROTA, S. *Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing. 2000.

FROTA, S. & VIGÁRIO, M. *Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB*. In: CASTRO, R. V. & BARBOSA, P. (eds.). *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, v.1. Coimbra: APL, 2000. p.533-555.

HAMMARSTRÖM, G. *Étude de phonétique auditive sur les parlers de l'Algarve*. Uppsala, Almqvist & Wiksells. 1953.

HAYES, B. & LAHIRI, A. Bengali intonational phonology. *Natural Language & Linguistic Theory* 9(1), 1991. p.47-96.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press. 1972.

_____. *Principles of linguistic change*. Internal factors. Cambridge, Blackwell. 1994.

LADD, D. R. *Intonational phonology*. Cambridge: CUP. 1996.

LEITE, C. M. B. *Estudo do /R/ em coda silábica medial e final no falar campineiro*. In: Anais do VII Congresso Internacional da Abralín ISSN 21797145. Curitiba, 2011.

LEITE, Y. & CALLOU, D. *Como falam os brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.

MATEUS, M. H. M. *Aspectos da fonologia portuguesa*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos. 1975.

MONARETTO, V. *Análise sociolinguística da vibrante no sul do país*. Graphos - Revista da Pós Graduação em Letras/UFPB, 1997.

MONARETTO, V. *Descrição da vibrante no português do sul do do Brasil*. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs). *Português do Sul do Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p.119-127.

MORAES, J. A. *Nuclear and pre-nuclear contours in Brazilian Portuguese intonation*. 2007. Disponível em: www.fl.ul.pt/dlgr/SonseMelodias/PaPI2007ToBIworkshop.

NESPOR, M. & Vogel, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris. 1986.

SELKIRK, E. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge: M.I.T. Press. 1984.

SERRA, C. R. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras. 2009.

SILVA, J. C. B. *Caracterização prosódica dos falares brasileiros: as orações interrogativas totais*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras. 2011.

TASCA, M. *A lateral em coda silábica no Sul do Brasil*. Porto Alegre, PUCRS. Tese de Doutorado. 1999.

TENANI, L. *Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: LEL/UNICAMP. 2002.

TRUCKENBRODT, H. *Phonological phrases: their relation to syntax, focus and prominence*. PhD Thesis, M.I.T. 1995.

VIGÁRIO, M. *The prosodic word in European Portuguese*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. 2003.

VOTRE, S. *Variação fonológica no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro/PUC. 1978.